



Nonada: Letras em Revista

E-ISSN: 2176-9893

nonada@uniritter.edu.br

Laureate International Universities

Brasil

García, Flavio; Morais da Silva, Luciana  
Mia Couto: conceitos e sentidos de uma composição híbrida, entre o literal e o literário  
Nonada: Letras em Revista, vol. 2, núm. 19, octubre, 2012, pp. 171-181  
Laureate International Universities  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451673016>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Mia Couto: conceitos e sentidos de uma composição híbrida, entre o literal e o literário

## Mia Couto: concepts and meanings of a hybrid composition, between the literal and the literary

Flavio García  
Luciana Morais da Silva

### RESUMO

Para Mia Couto, a moçambicanidade é híbrida, mosaico de pequenos detalhes, conjunto de várias identidades. Sua literatura transborda a natureza da linguagem literária, num jogo duplamente ficcional, encenando a oralidade, ao subverter a *parole* sem ferir a *langue*. Recorrendo a infinidade de traços, do ontem e do hoje, ele produz um contínuo de ressignificações. Nos universos do enunciado e da enunciação – dito e dizer –, a obra miacoutiana tangencia, assim, o invisível, o inesperado, o inaudito.

### PALAVRAS-CHAVE

Mia Couto; Memória; História; Hibridismo; Antropofagia; Insólito.

### ABSTRACT

According to Mia Couto, the “mozambicanity” is hybrid, mosaic of small details, a combination of various identities. His literature towers the nature of literary language, in a doubly fictional game, playing the orality, when it subverts *parole* without affecting *langue*. Drawing upon the infinity of traces, from yesterday and from today, he has produced a continuous of re-meanings. In the universes of enunciated and of enunciation – said and say – the miacoutian’s work touches, in this way, the invisible, the unexpected, the unheard.

### KEY WORDS

Mia Couto; Memory; History; Hybridism; Anthropophagy; Uncommon.

Nada mais original, nada mais intrínseco a si que se alimentar dos outros. É preciso, porém digerir-los (Valéry, *apud* SANTIAGO, 2000, p. 19)

O “narrador-poeta, Mia Couto” (AFONSO, 2007, p. 550) constrói personagens que transitam entre fronteiras, buscando adaptar-se às vivências quotidianas, como ele mesmo, também “ser” de fronteiras, admite fazer em seu dia a dia (“A fronteira da cultura”, “Uma palavra de conselho e um conselho sem palavras”, “Que África escreve o escritor africano?”, “Uma cidadania à procura da sua cidade”. In: *Pensatempos – textos de opinião*, Lisboa: Editorial Caminho, 2005. p. 09-22, 45-50, 59-64, 85-96; “Línguas que não sabemos que sabíamos”, “Despir a voz”, “Luso-Afonias – A Lusofonia entre Viagens e Crimes”. In: *E Se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009. p. 13-26, 173-182, 183-198).

As múltiplas fontes a que Mia recorre para sua produção – ficcional e opinativa – cunham-no como artista original, na medida de certa antropofagia – alimentação do que lhe é próprio, como homem – que, igualmente, teria acometido alguns dos escritores brasileiros que ele reverencia em seus artigos de opinião (“O sertão brasileiro na savana moçambicana”. In: *Pensatempos – textos de opinião*, Lisboa: Editorial Caminho, 2005. p. 103-112; “Sonhar em casa”, “Quebrar armadilhas”, “Encontros e Encantos – Guimarães Rosa”. In: *E Se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009. p. 65-72, 101-112, 113-126), como fonte de inspiração de sua literatura e, ainda, das expressões literárias mais contemporâneas – deles, escritores brasileiros; dele, Mia Couto; deles e dele, ao mesmo tempo – de Angola, Moçambique e de outras praças de África que nesses autores teriam encontrado alguma motivação própria.

Entre os referenciados por Mia Couto, destacam-se Guimarães Rosa (“O sertão brasileiro na savana moçambicana”. In: *Pensatempos – textos de opinião*, Lisboa: Editorial Caminho, 2005. p. 103-112; “Encontros e Encantos – Guimarães Rosa”. In: *E Se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009. p. 113-126), Jorge Amado (“O sertão brasileiro na savana moçambicana”. In: *Pensatempos – textos de opinião*, Lisboa: Editorial Caminho, 2005. p. 103-112; “Sonhar em casa”. In: *E Se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009. p. 65-72), Manoel de Barros (“Encontros e Encantos – Guimarães Rosa”. In: *E Se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009. p. 113-126), Graciliano Ramos (“O sertão brasileiro na savana moçambicana”. In: *Pensatempos – textos de opinião*, Lisboa: Editorial Caminho, 2005. p. 103-112; “Sonhar em casa”. In: *E Se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009. p. 65-72).

Elegendo especialmente Jorge Amado e Guimarães como paradigma, dentre esses quatro escritores brasileiros do Século XX, como assume (“O sertão brasileiro na savana moçambicana”. In: *Pensatem-*

pos – textos de opinião, Lisboa: Editorial Caminho, 2005. p. 103-112; “Sonhar em casa”, “Encontros e Encantos – Guimarães Rosa”. In: *E Se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009. p. 65-72), Mía dedica-se a uma escrit(ur)a que pretende seja autóctone, conforme aponta acontecer com os brasileiros, e o faz buscando, nas rupturas, os sentidos de uma literatura que resgate o “ser” – em seu duplo caráter sígnico de substantivo, nomeando a matéria humana, e de verbo, nesse caso, no sentido de gerúndio continuativo, como querem algumas correntes da Poética: “estar sendo” – de uma nação em “infância”, ainda em crescimento, nascida juntamente com sua escrita (COUTO, 2009).

Ele próprio, discorrendo a respeito da conformação populacional de seu país, afirma: “O meu país tem países diversos dentro, profundamente divididos entre universos culturais e sociais variados. (...) [Está] entre uma pátria que nunca houve e outra que ainda está nascendo” (2009, p. 123). A poética miacoutiana remete à consciência que ele tem acerca do próprio mundo que o configurou como “ser” e como artista, conforme explicitou em seus textos de opinião – *Pensatempos* (2005); *E Se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções* (2009); *Pensageiro Frequente* (2010). O “ser” moçambicano, de que fala Mía Couto, incluindo-se a si próprio nesse “estar sendo”, dialoga com um leque de expectativas e de experiências, conjugando-as. Ele as expõe em um texto em que as discute e explica, ao evocar as mazelas de um Moçambique em constante (re)descobrimto. Para ele:

Se o passado nos chega deformado, o presente deságua em nossas vidas de forma incompleta. Alguns vivem isso como um drama. E partem em corrida nervosa à procura daquilo que chamam a nossa identidade. Grande parte das vezes essa identidade é uma casa mobilada por nós, mas a mobília e a própria casa foram construídas por outros. Outros acreditam que a afirmação da sua identidade nasce da negação da identidade dos outros. O certo é que a afirmação do que somos está baseada em inúmeros equívocos. (COUTO, 2005, p. 14)

Suas reflexões não se esgotam nesse fragmento. Seus questionamentos, enfim, as discussões a respeito da composição de identidades transitórias e em constante mudança, tanto no campo “ser” sujeito quanto no do “ser” social, que reitera, retornam outras tantas vezes. Serão muitas e repetidas reflexões a respeito de identidades híbridas e em constante (re)formulação, que se desenvolvem em profundas e contínuas trocas na configuração de mundos.

A caminhada – do “ser” moçambicano e do escritor Mía Couto, igualmente – demonstra-se tão importante quanto o caminho percorrido, pois cada traço da (de)formação do “ser” interfere no desenvolvimento de sua identidade, e esta não se representa nem fixa, nem presa a qualquer imposição do entorno. Todavia, por muito tempo,

a imposição da cultura do *outro*, como melhor ou mais civilizada – em relações de “super” e “substrato” –, extrapolou a integridade do sujeito – “ser” –, vitimando-o em sua formação cultural, mas, hoje, a partir de uma consciência mais plena da condição humana de aprender e ensinar, observa-se que:

As identidades (...) são como os dedos das mãos. De quando em quando, há um desses dedos que incha e não deixa ver os restantes dedos. Cada um de nós, em certo momento da sua vida, já sentiu esse inchaço na sua alma. Houve dias que fomos mais de uma etnia, de uma religião, de um clube. Mas a mão continua sempre sendo composta por múltiplos dedos. (COUTO, 2005, p. 89)

Os “múltiplos dedos” apontados por Mia Couto remetem a identidades construídas nas e pelas diferenças, com marcas próprias. Assim, os processos que interferiram e, de certo modo, ainda interferem na estruturação do “ser” moçambicano, tornaram-no um mosaico matizado de muitas e diversas bases. É evidente e inegável que o passado colonial, tanto no Brasil quanto em Moçambique, não pode ser observado apenas como mera interferência de Portugal em suas formações nacionais, já que o poder da metrópole-nação influenciou profundamente a nação-colônia – Brasil, Moçambique e demais ex-colônias, e não somente aquelas que estiveram sob o jugo português.

Nota-se, consequentemente, que os muitos vieses da organização identitária moçambicana – como brasileira, angolana etc. – foram cunhados sob imposições culturais, via colonização, não se consolidando, entretanto, como única via de constituição daquela nacionalidade. Conforme revelam Stuart Hall e Nestor Canclini, por exemplo, os processos de hibridação permanecem ocorrendo, ao transformarem em seus os traços da cultura do *outro*, mantendo as nações em constante processo de antropofagia cultural – alimentação de si próprias para se nutrirem, se processarem e se constituírem como são, em contínuo.

Tais processos de composição cultural, isto é, a chamada hibridação, são, desse modo, explicados por Stuart Hall:

a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz e nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nos mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de

ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p. 44)

As indagações sobre a formação cultural moçambicana, levantadas por Mia Couto, perpassam uma série de questionamentos acerca do ontem e do hoje, forjando a tentativa de conscientização do povo sobre seu passado e, posteriormente, seu futuro – o havido e o porvir. Logicamente, a formação cultural se dá, em ex-colônias em geral, por um viés não pacífico, pois a imposição de um sobre outro nunca é vista e aceita como benéfica. No entanto, a oposição colonizador/colonizado – e deixe-se aqui de lado o colono – ocorreu, tendo matizes variados e resultados ainda mais diversos. O colonizado, assimilado, resistiu, como se observa na constante reafirmação de Mia Couto, quando discorre a respeito das muitas nações existentes em seu país. Conforme Mia declara: “A nossa habilidade de políglotas nos pode conferir, a nós africanos, um passaporte para algo que hoje se tornou perigosamente raro: a viagem entre identidades diversas e a possibilidade de visitar a intimidade dos outros” (COUTO, 2009, p. 26).

A escolha de tal dedo em determinada situação, remetendo à sua analogia com os dedos das mãos, revela a reflexão de um “ser” engajado não apenas no combate às mazelas deixadas por conflitos armados, mas na conquista da esperança em (re)estabelecer a sensação apropriada do “ser” moçambicano, compartilhando, com os seus em nacionalidade, pertença identitária comum.

Mia Couto estabelece conexões entre a literatura em ascensão em Moçambique – e mesmo em Angola – e a literatura brasileira, de onde, muitas vezes, emergem os motes a inspirar seus escritores para o encontro de suas outras margens – como “A terceira margem do rio”, de Guimarães de Rosa, por exemplo –, quer sejam elas sóliticas, quer sejam insólitas, desde que enraizadas na cultura local – Brasil, Moçambique ou qualquer lugar, em sentido seu, distintamente do lugar do outro, que não é o seu, mas *outro*.

A busca do escritor moçambicano, nesse sentido, dialoga com a harmonia dos escritores brasileiros que se alimenta(ra)m do que é do *outro*, transformando em seu. A antropofagia, ou canibalização, promovida pelos escritores brasileiros “encheu de alma” da escrita do moçambicano, como afirma Mia Couto: “Descobríamos essa nação num momento histórico em que nos faltava ser nação. O Brasil – tão cheio de África, tão cheio da nossa língua e da nossa religiosidade – nos entregava essa margem que nos faltava para sermos rio” (2009, p. 69).

A literatura brasileira, que chegou a Moçambique, promoveu o encontro com novos olhares, pois “o território da narração não é um lugar mas é a própria viagem. O discurso está em constante mutação e os diferentes personagens têm diferentes vozes que dialogam” (COUTO, 2005, p. 112). Os territórios da escrita permitem, por conseguinte, que se perceba o “desafio de procura incessante de uma identidade plural” (COUTO, 2005, p. 112), marcada por profundas singularidades, tanto subjetivas quanto de formação, haja vista a estruturação do próprio

Mia Couto, nascido num tempo de “charneira, entre um mundo que nascia e outro que morria” (COUTO, 2005, p. 106).

Suas obras, em especial seus artigos de opinião, possibilitam adentrar os espaços da cultura, notando, nas circunstâncias que retratam, sua experiência em evocar o passado e tentar traduzir em palavras a magia de sua terra Moçambique. Afinal, foi o contato com suas novas raízes que fizeram o escritor perceber que “África estava ali, impossível de afastar ou adiar, mulatizando-nos a alma” (COUTO, 2005, p. 147).

Mia Couto, em *Pensatempos*, revela sua completa entrega à terra em que vive – e nasceu –, quando afirma escrever para se familiarizar com os deuses que não tem por seus, pois:

Nessa moradia, os antepassados se convertem em entidades divinas.

Por aquela razão aquele momento agia em mim de maneira contraditória: por um lado, me aconchegava, por outro me excluía. Eu não podia partilhar por inteiro aquela conversa entre deuses e homens. Porque eu estava já carregado de Europa, minha alma já bebera de um pensamento. E os meus mortos residiam num outro chão. (2005, p. 151)

Mia questiona sua própria relação com o mundo que o cerca e denuncia que seu “continente é feito de profunda diversidade e de complexas mestiçagens. Longas e irreversíveis misturas de culturas [, as quais] moldaram um mosaico de diferenças que são um dos mais valiosos patrimônios do (...) continente” (2005, p. 19). Seu país, nos períodos da guerra de independência e logo posterior a ela, necessitou de escritores que tomassem partido político, influenciados por um modelo estético e literário de afirmação das tradições locais, mesmo que “inventadas” ou “sob desconfianças”. Contudo, segundo Couto, “nós entendíamos que havia outra lógica” (2009, p. 120), pois a literatura tem razões que escapam à razão política (COUTO, 2009, p. 120).

Nesse sentido, o escritor desvencilha-se dos compromissos políticos das primeiras horas e reflete, sem amarras, sobre a formação de seu país, quer em sua obra ficcional, quer em seus textos de opinião – destinados a conclamar os intelectuais de sua época a pensar o mundo, já que frutos de palestras e intervenções científicas. Para Mia, “a transgressão poética é o único modo de escaparmos à ditadura da realidade. Sabendo que a realidade é uma espécie de recinto prisional fechado com a chave da razão e a porta do bom-senso” (COUTO, 2009, p. 117).

É, conseqüentemente, por meio da escrit(ur)a, que Mia Couto busca uma (re)criação sem fronteiras, e, por ser “alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade” (COUTO, 2005, p. 59), divide com os leitores a capacidade de perceber a literatura não como fuga ou como denúncia apenas, mas como reinvenção de sentidos, sendo, tanto ele quanto sua obra, “diversas coisas ao mesmo tempo” (COUTO, 2005, p. 87-88).

A origem multifacetada, refletida em sua obra, faz emergir um universo de significações que revolve as palavras, transformando-as para que gerem novos sentidos. Ao resignificá-las, inovando em relação ao uso da linguagem, ele propõe novos olhares para o que já existe visto desde antes, conforme declara:

As palavras nascem, mudam de rosto, envelhecem e morrem. É importante saber onde nasceu cada uma delas, conhecer-lhe os parentes e saber do namoro que a fez nascer. Entender a origem e a história das palavras faz-nos ser mais donos de um idioma que é nosso e que não apenas dá voz ao pensamento como já é o próprio pensamento. Ao sermos donos das palavras somos mais donos da nossa existência. (COUTO, 2009, p. 103)

A palavra, da qual se utiliza tanto na ficção quanto na seara da opinião, torna-o um contador de histórias, capaz de rememorar os narradores da terra, atualizando os aprendizados de ontem e aplicando-os no hoje, sob novos matizes. Suas personagens, aparentemente comuns, são dotadas da arte de preservar histórias, e conseguem narrá-las como puras verdades. Para Mia:

As palavras e os conceitos são vivos, escapam escorregadios como peixes entre as mãos do pensamento. E como peixes movem-se ao longo do rio da História. Há quem pense que pode pescar e congelar conceitos. Essa pessoa será quando muito um colecionador de ideias mortas. (COUTO, 2005, p. 85)

É essa capacidade de reinventar, ou melhor, de renovar a palavra, que caracteriza a escrit(ur)a miacoutiana, pois:

pela arte de burilar a palavra, [o escritor] torna-nos companheiros da aventura de metamorfosear o mundo empírico, escuro e miserável, em universo de beleza literária e fantástica libertação. Porém, essa metamorfose não significa, nunca, fuga à vida, com a qual cada um tem de se confrontar. (ANGIUS e ANGIUS, 1998, p. 38)

O olhar da mudança, que se doa, permitindo um adensamento das relações, é o mesmo que convida a manutenção da esperança, seja pela fé, seja pela transformação. Fato é que a metamorfose proposta por Mia Couto se dá na própria origem das coisas, ao conseguir resignificar os mais simples elementos da vida, dando-lhes novas roupagens. Assim, o autor promove um reencontro do homem com seus universos simbólicos.

Ao evocar uma nova perspectiva para seus universos de significação, Mia constrói a necessidade de uma tomada de consciência por parte da nação – seus indivíduos e seu coletivo –, percebendo que as mudanças são possíveis pela via da esperança e da ação. Segundo Maria Fernanda Afonso, em estudo sobre o conto moçambicano, o

universo de criação miacoutiano apresenta uma maneira incomum de olhar o mundo. Diz ela que:

um olhar mágico [é] lançado no interior de um fragmento da realidade, encarado sem ser de forma patética, um olhar de admiração pousado sobre o real, como o de um mago, de um iniciado ou de uma criança que, pela sua percepção nova e virgem das coisas, está prestes, depois das maiores calamidades, a recriar o mundo. (AFONSO, 2004, p. 366)

A escrita faz-se, pois, por meio de uma relação entre a realidade e a invenção. O escritor embebe-se da realidade quotidiana e a transfigura, transcrevendo, até mesmo em seus textos de opinião, uma fé nas crenças da terra, capaz de tomá-lo, repousando à beira mar. Mia deixa-se guiar por sua infância, expondo, em sua relação com o Moçambique nascente de seus relatos, uma produtiva interação, visto que ambos formaram-se frente a conflitos diversos, combatendo, de certo modo, na mesma luta (COUTO, 2005; 2009). Para ele, “o ser de um continente que ainda escuta (África está disponível para conversar até com os mortos) me trouxe um estar mais atento a essas outras coisas que parecem estar para além da ciência. Não temos que acreditar nessas ‘outras coisas’. Temos apenas que estar disponíveis” (2009, p. 123).

A disponibilidade identificada no discurso miacoutiano possibilita a crença na esperança da transformação, deixando que se acredite na metamorfose dos pássaros, em palavras capazes de curar, na vida como um caminhar, nos diversos rituais que interferem no quotidiano... quer por derivarem de mitos milenares, quer por serem essenciais ao desenvolvimento humano. O estar aberto a ouvir “essas outras coisas” marca uma escrita mais animista e mais integrada, por conseguinte, ao simbólico e ao ritualístico.

O reencantamento do mundo, a que remete Garuba (2003) ao tratar da composição do animismo africano, está presente na constância da evocação da esperança em Mia Couto. Ao discorrer a respeito das fontes que possibilitaram aos moçambicanos encontrarem uma língua mais sua, que pudesse dar conta da contínua hibridez existente em sua terra, Mia relata:

Na altura, nós carecíamos de um português sem Portugal, de um idioma que, sendo do Outro, nos ajudasse a encontrar uma identidade própria. Até se dar o encontro com o português brasileiro, nós falávamos uma língua que não nos falava. E ter uma língua assim, apenas por metade, é um outro modo de viver calado. Jorge Amado e os brasileiros nos devolviam a fala, num outro português, mais açucarado, mais dançável, mais a jeito de ser nosso. (COUTO, 2009, p. 70)

As novas roupagens dadas à língua portuguesa em Moçambique marcaram, conseqüentemente, o universo literário moçambicano, pois os escritores apropriaram-se do sistema linguístico luso-europeu, mesclaram-no às inovações de uso brasileiras e combinaram tudo com o discurso oral da terra. As narrativas metamorfosearam-se, encantando novos públicos a partir de outras vozes e em novas direções. Assim, a língua (re)inventada pelos escritores moçambicanos – e angolanos, também se poderia dizer, na esteira dos brasileiros, como identificou Mía Couto – forjou-se a partir de sua constituição híbrida, em um espaço onde “se costuram várias fronteiras interiores” (COUTO, 2009, p. 103).

O exemplo da canibalização realizada pelos brasileiros, que Mía Couto descreve como fonte de inspiração para a nova literatura africana em língua portuguesa, destacando as expressões moçambicana e angolana, representa uma inovação. Partindo das invenções que despontaram na literatura brasileira do Novecentos, observa-se, no percurso feito por Mía Couto, um mergulho na poética invisível das costuras literárias desenvolvidas no sertão brasileiro – o “grande sertão”, de Rosa, que Mía compara às savanas africanas (2005, p. 103-112). De acordo com o escritor, “a leitura de Rosa sugeria que era preciso sair para fora da razão para se poder olhar por dentro a alma dos brasileiros. Como se para tocar a realidade fosse necessário uma certa alucinação, uma certa loucura capaz de resgatar o invisível” (COUTO, 2009, p. 120).

Pode-se, assim, dizer que a escrita miacoutiana se estabelece a partir desse olhar mais aberto às diferenças, a um mundo de significação que sobressai frente ao comum, ao corriqueiro, trazendo, ao centro da narrativa, traços de uma terra que se (re)constrói subjetivamente pela diferença e pelo diferente. Tal qual o sertão nordestino, sob a ótica de João Guimarães Rosa, com uma linguagem própria e uma formação múltipla, a savana africana adquire proporções únicas, estruturada por um ver e um ouvir mais atento aos elementos míticos e mágicos das várias culturas que os constituem (2009, p. 65-72, 113-126; 2005, p. 103-112).

Stuart Hall, em suas discussões acerca do hibridismo, aborda a postura de transposição da cultura, ao observar que, após as colonizações e descolonizações, há uma tendência a se reunirem marcas, possibilitando forjar comunidades híbridas, que se sobrepõem às velhas categorias identificadoras do mundo como um novo modelo no qual se pode perceber as mudanças em novos tempos de globalização (HALL, 2003, p. 122-125).

O trânsito entre culturas, as trocas estabelecidas dentro do próprio país, permite observar as diferenças e diversidades que interferem na composição étnico-cultural, em constante reformulação. A influência da escrita de Jorge Amado, por exemplo, promovendo um contato com o coração pulsante de África na Bahia, fez com que os moçambicanos alcançassem o sonho, ao levá-los a um país onde as mudanças eram

realizáveis (COUTO, 2009, p. 65-71). Desse modo, as costuras promovidas por Mia Couto revelam a capacidade do sonho, apreendido em contato com infâncias, tanto das coisas, quanto das palavras, que em Manoel de Barros, por exemplo, revelam-se, sempre, em busca de nova harmonia.

Os textos de opinião miacoutianos estabelecem uma profunda relação entre o sonhar brasileiro e o moçambicano – lugar de encontro e reencontro –, possibilitando a invenção de espaços que se assemelham ao reunir o sólito e o insólito no quotidiano. A gestação de uma literatura em estado de infância, que garante ao homem sonhar, faz de Mia Couto um escritor da esperança, que busca, nos elementos de sua terra, os auxiliares mágicos para combater os infortúnios da realidade física experienciada. Sua literatura compor-se-ia de uma concepção animista do mundo, forjada, como ele mesmo afirma, a partir de uma narrativa também em contato com sua terra e seu povo, caso dos brasileiros que ele toma por inspiração. Seu percurso pela imaginação e fantasia aviva e ilumina espaços de sonho e de esperança, onde há a inspiração do mar ou da chuva – as forças da água, cuja simbologia, desde o medievo ocidental representa fertilidade, sexualidade, copulação (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990, p. 15-22) – para tornar prenhe o tempo.

A característica mais marcante da escrita miacoutiana, principalmente nos textos de opinião, seria a capacidade de imaginar seus antepassados, tornando-se parte de um mundo de outrora, ao elaborar, segundo a lição de seu pai, “uma espécie de intimidade entre o chão e o olhar” (COUTO, 2009, p. 110), lendo o chão que pisava todo o dia, ao permitir-se sondar os brilhos entre as poeiras (COUTO, 2009, p. 110).

As diversas identidades que habitam sua alma cunharam-se em conjunto com a nação. Sua escrita apreendeu exatamente as diferenças que o constituem, pois como qualquer outro escritor, este fundou sua própria língua, a metamorfoseando (COUTO, 2009). Para ele, enfim, sua alma tem como margem o Índico, onde se sentiu nascer, percebendo os sonhos em um mar de imagens, que revelam espaços nem tão palpáveis, mas infinitamente imagináveis. Mia e Moçambique unem-se na diversidade, na identidade híbrida e mosaica das origens e da vivência, do ontem e do hoje, do ter sido e do vir a ser. Eles “nascem” próximos e “crescem” juntos.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Fernanda. *O conto moçambicano: escritas pós-coloniais*. Lisboa: Caminho, 2004.

ANGIUS, Fernanda e ANGIUS, Matteo. *Mia Couto: O desanoitecer da palavra* – Estudo, seleção de textos inéditos e bibliografia anotada de um autor moçambicano. Praia; Mindelo: Embaixada de Portugal; Centro Cultural Português, 1998.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade*. 4.ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

COUTO, Mia. *Pensatemplos – Textos de opinião*. 2ed. Lisboa: Caminho, 2005.

\_\_\_\_\_. *E Se Obama fosse africano? E Outras Interinvenções*. Lisboa: Caminho, 2009.

Garuba, Harry. “Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana”. In: *Public Culture*. Volume 15, Number 2, Spring 2003. p. 261-284. Disponível em: [http://muse.jhu.edu/journals/public\\_culture/toc/pc15.2.html](http://muse.jhu.edu/journals/public_culture/toc/pc15.2.html). Acessado em: 15 de maio de 2012.

HALL, Stuart. “A questão multicultural”. In: *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 51-100.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FLAVIO GARCIA

Pós-doutorado em Literatura e Professor associado da UERG

E-mail: [flavgarc@gmail.com](mailto:flavgarc@gmail.com)

LUCIANA MORAES DA SILVA

Mestre em Letras em Literatura Portuguesa pela UERJ; Mestre em Letras Vernáculas em Literaturas Portuguesa e Africanas – pela UFRJ.

E-mail: [lulu\\_msilva@yahoo.com.br](mailto:lulu_msilva@yahoo.com.br)

---

Recebido em 30/08/2012

Aceito em 30/11/2012

GARCÍA, Flavio; SILVA, Luciana Morais da. Mia Couto: conceitos e sentidos de uma composição híbrida, entre o literal e o literário. *Nonada Letras em Revista*. Porto Alegre, ano 15, n. 19, p. 171-181, 2012.